

A influência do *input* na produção infantil de perguntas-QU em Português Brasileiro

No Português Brasileiro, temos quatro formas de realizar perguntas-QU: QU-movido (a), QU-que (b), QU-é-que (c) e QU-*in situ* (d). As estratégias parecem, à primeira vista, opcionais, todavia, Grolla (2000) observa, a partir de dados espontâneos de uma criança falante do dialeto paulista, uma preferência pelo QU-movido (66%), em segundo lugar pelo QU-que (29,4%) e por último pelo QU-é-que (2,9%) e QU-*in situ* (1,7%). Este, sendo o menos produzido pela criança, é também o último a emergir nos dados infantis - apenas a partir de 3;9 anos. Silveira (2011), observando amostras de 23 crianças cariocas e paulistas com idades entre 1;10 e 5;0 anos, segue Grolla propondo a seguinte ordem de emergência das estratégias: QU-movido > QU-que > QU-é-que/QU-*in situ*. Já Lessa-de-Oliveira (2003), observando duas crianças adquirindo o dialeto falado em Vitória da Conquista (BA) com idades entre 18 e 30 meses, notou um cenário oposto. O QU-*in situ*, o menos preferido e mais tardio na fala das crianças paulistas e cariocas, emergiu nos dados a partir de 1;07.09 ano de idade e foi produzido em aproximadamente 80% das perguntas-QU, sendo também o mais utilizado no *input* (81,7%). Para ela, as crianças seguem um percurso de aquisição das estruturas interrogativas guiado por sua frequência no *input*: a estratégia mais empregada pelos adultos emerge primeiro na fala infantil, sendo também mais utilizada nos primeiros estágios de aquisição. Com o objetivo de explorar a ordem de emergências das estratégias interrogativas na fala infantil e comparar ao *input* recebido pelas crianças, observamos um *corpus* de amostras longitudinais de 5 crianças, com faixa etária entre 1;02.28 e 4;11.12, parte do Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro [4] e do CEDAE [5]. Foram coletadas 15.196 perguntas, sendo 2.726 produzidas pelas 5 crianças e 12.470 pelos adultos com quem elas interagem. Em nossos dados, as crianças preferiram o QU-movido, enquanto os adultos optaram mais vezes pelo QU-que. Além disso, o QU-*in situ*, sendo a estratégia menos utilizada pelas crianças, no geral, foi produtiva na fala adulta. Os dados sugerem, então, que a preferência do adulto segue a ordem em (i), enquanto as crianças seguem (ii):

- (i) QU-que > QU-movido > QU-*in situ* / QU-é-que
- (ii) QU-movido > QU-que > QU-é-que / QU-*in situ*

Nossos dados corroboram a ordem de emergência proposta por Grolla e Silveira, sugerindo haver uma diferença dialetal entre as modalidades observadas. Ademais, os resultados indicam que uma alta frequência no *input* de dada construção não induz necessariamente a sua maior produtividade na fala infantil. Embora o cenário observado por Lessa-de-Oliveira tenha apontado para um papel fundamental do *input* nas preferências das crianças, isso nem sempre acontece, conforme vimos neste estudo e em outros [6], [7], [8] que apontam que esta não pode ser a única explicação para o que encontramos nos dados infantis.

Estratégia	Raquel	Leonardo	Túlio	Maria E.	Luana
QU-movido	2;09.10	2;00.14	2;00.07	1;08.24	2;01.04
QU-que	1;06.22	2;00.14	2;00.07	1;08.24	1;07.12
QU-é-que	2;10.14	3;08.16	3;02.04	-	2;04.09
QU- <i>in situ</i>	-	2;03.01	2;10.11	-	2;05.07

Tabela 1: Idade de emergência das construções-QU na fala das crianças observadas

	Raquel	Leonardo	Túlio	Maria E.	Luana
QU-movido	46,7%	57,6%	70,3%	57,7%	77,5%
QU-que	40%	30,4%	27,8%	42,3%	19,2%
QU-é-que	13,3%	2,4%	1,7%	0%	2%
QU- <i>in situ</i>	0%	9,6%	0,2%	0%	1,3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 2: Frequência das construções-QU na fala das crianças observadas.

	Raquel (I)	Leonardo (I)	Túlio (I)	Maria E. (I)	Luana (I)
QU-movido	25,1%	35,8%	30,5%	22,1%	16%
QU-que	44,5%	31,4%	43,6%	63%	56,4%
QU-é-que	13,5%	13%	13,4%	5,9%	14,8%
QU- <i>in situ</i>	16,9%	19,8%	12,5%	9%	12,8%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3: Frequência das construções-QU no input das crianças.

- Exemplos:**
- (a) **O que** o João comeu __?
 - (b) **O que que** o João comeu __?
 - (c) **O que é que** o João comeu __?
 - (d) O João comeu **o quê**?

Referências Bibliográficas: [1] Grolla, E. *Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de mestrado, Campinas: UNICAMP, 2000; [2] Silveira, V. L. *A emergência de estruturas A-barra no contexto da aquisição do português brasileiro como língua materna*. PhD dissertation, Rio de Janeiro, 2011; [3] Lessa-de-Oliveira, Adriana S. C. *Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro [Acquisition of wh-constituents in two dialects of Brazilian Portuguese]*. Master Thesis, Unicamp, Brazil, 2003; [4] Santos, Raquel Santana (2005) *Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro*. FAPESP 2003/13565-4; [5] CEDAE, organizado pela Profa. Dra. Cláudia de Lemos (UNICAMP) e cedidos à Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes (UNICAMP) pelo antigo CEAAL; [6] Zuckerman, S. (2001) *The Acquisition of “Optional” Movement*. Tese de Doutorado. Boston, Massachusetts; [7] Hamann, C. *Speculations about early syntax: The production of wh-questions by normally developing French children and French children with SLI*. *Catalan Journal of Linguistics*, 5(1), 143-189, 2006; [8] Yang, Charles. *For and against frequencies IN* *Journal of Child Language*. Cambridge University Press 42, 2015: 287-293.